

**A revista O Tico – Tico e o Bello Sexo: as meninas e suas  
representações nas narrativas em quadrinhos do  
semanário infantil**

*The magazine O Tico-Tico and the Lovely Sex: the girls  
and her representations on the comics strips of the  
children weekly newspaper*

*La revista O Tico – Tico y el Bello Sexo: las niñas y sus  
representaciones en las historietas pertenecientes a lo  
semanario infantil*

LUCIANA BORGES PATROCLO <sup>a</sup>

---

<sup>a</sup> Universidade Estácio de Sá e PROEDES - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. Doutora em Educação, e-mail: lupatroclo@yahoo.com.br. Orcid: <http://orcid.org/0000-0002-4787-0762>

## Resumo

O artigo aborda os conteúdos publicados na revista infantil *O Tico – Tico* cujos propósitos eram contribuir para a formação moral e comportamental de suas leitoras. Nesse sentido foram analisadas as narrativas em quadrinhos publicadas no referido impresso cujas protagonistas eram meninas ou mulheres. *O Tico – Tico* trazia como parte de suas linhas editoriais o estabelecimento de conteúdos direcionados de forma específica ao sexo feminino e masculino. As histórias e seções voltadas às pequenas leitoras tinham a finalidade de reafirmar o papel social da mulher como indivíduo devotado à família e a maternidade. As histórias em quadrinhos analisadas estão inseridas no recorte temporal entre 1905 e 1925, período que abrange os vinte primeiros anos de circulação do impresso e no qual tal perspectiva de gênero pode ser evidenciada de forma mais intensa. A revista *O Tico-Tico* foi lançada pela editora Sociedade Anonyma O Malho em 11 de outubro de 1905. Seus fundadores foram os intelectuais Luis Bartolomeu de Souza e Silva, Manoel Bomfim, Renato de Castro e Cardoso Jr. O impresso é considerado a primeira publicação ilustrada direcionada às crianças brasileiras e tinha como inspiração, seja no formato e no conteúdo, publicações europeias. Seu projeto também encontrava consonância com as mudanças técnicas e ampliação do mercado jornalístico brasileiro. A escolha pelo público leitor infantil encontrava respaldo no fato das intelectualidades republicanas identificarem a necessidade de promover uma série de ações – sociais, educacionais e culturais – para salvaguardar uma formação condizente aos princípios republicanos da civilidade, da modernidade e do progresso.

**Palavras-chave:** O Tico-Tico. Narrativas em quadrinhos. Representação Feminina. Padrões de Comportamento.

## Abstract

*The article discusses the contents published in the infant magazine O Tico-Tico, whose purpose was to contribute to the moral and behavioral formation of its female readers. In this sense, the comic narratives published in the referred magazine with owned female protagonists were analyzed. O Tico-Tico had as part of its editorial line the establishment of content specifically targeted to the male and female sex. The stories and sections directed to the little female readers had the goal to reassert their social role as a subject devoted to family and maternity. The comic stories analyzed are inserted in the temporal window between 1905 and 1925, the period that covers the first twenty years of its circulation when the gender perspective was more evident. The magazine O Tico-Tico was launched by the publishing company Sociedade Anonyma O Malho in October 11, 1905. Its founders were the intellectuals Luis Bartolomeu de Souza e Silva, Manoel Bomfim, Renato de Castro e Cardoso Jr. The magazine is considered the first illustrated publication dedicated to Brazilian children and was inspired, in its format and content, in European publications. Its project was also in consonance with the technical changes and expansion of the Brazilian journalistic market. The choice for child readers was endorsed by republican intellectuals that identified the necessity to promote a series of actions – social, educational and cultural – to safeguard an education by republican principles of civility, modernity, and progress.*

**Keywords:** *O Tico – Tico. Comics Strips. Female Representation. Standards of Behavior*

## Resumen

*El artículo aborda el contenido publicado en la revista infantil O Tico-Tico con el propósito de contribuir a la formación moral y de los patrones de comportamiento de sus lectores. En este sentido, se analizaron las historietas presentes en la referida publicación cuyos protagonistas eran niñas o mujeres. O Tico-Tico tenía, como parte de sus líneas editoriales, el establecimiento de contenido dirigido específicamente a las mujeres y los hombres. Las historias y secciones dirigidas a las pequeñas lectoras tenían la intención de reafirmar el papel social de las mujeres como individuos dedicados a la familia y la maternidad. Las historietas investigadas se insertan en el recorte de tiempo entre 1905 y 1925, un período que cubre los primeros veinte años de circulación de la publicación y en el momento que tal perspectiva de género se puede evidenciar de una manera más intensa. La revista O Tico-Tico fue lanzada por la Sociedade Anonyma O Malho en 11 de octubre de 1905. Sus fundadores fueron los intelectuales Luis Bartolomeu de Souza e Silva, Manoel Bomfim, Renato de Castro y Cardoso Jr. La revista es considerada la primera publicación ilustrada dirigida a las crianzas brasileñas fueron inspiradas, tanto en formato como en contenido, por publicaciones europeas. Su proyecto también estuvo en línea con los cambios técnicos y la expansión del mercado periodístico brasileño. La selección del público lector infantil fue apoyada por el hecho de que los intelectuales republicanos identificaron la necesidad de promover una serie de acciones - sociales, educativas y culturales - para salvaguardar una formación consistente con los principios republicanos de civilidad, modernidad y progreso.*

**Palabras clave:** O Tico - Tico. Historietas. Representaciones femeninas. Modelos de comportamiento.

## Introdução

Em 8 de abril de 1914 a edição de *O Tico-Tico* publicou a narrativa *A menina travessa e o menino tranquilo* (p.12-13). O conteúdo faz menção ao comportamento dos irmãos *Abigail* e *Roberto* e como eram considerados diferentes do padrão das relações entre homens e mulheres idealizado pelas classes mais abastadas da sociedade; o que pode ser identificado pelo próprio título da história. Nos primeiros quadrinhos são descritas as características classificadas como convenientes para cada sexo: “E’ sabido que os meninos, geralmente, só gostam de brinquedos brutos e barulhentos” e que “E’ sabido também que as meninas não gostam d’esses brinquedos e até se assustem com isso”.

No entanto, *Abigail* é retratada pela mãe como uma garota que age fora dos padrões. Em certo momento é apresentada como aquela que “ (...) tinha genio que nem parecia de menina” porque “ (...) suas brincadeiras eram desordenadas e

tumultuosas, como um rapaz dos mais travessos”. Do mesmo modo, *Roberto* é descrito como um garoto dotado de atitudes acanhadas, não condicentes ao sexo masculino: “Roberto que era dous anos mais novo e tão tranquillo...que era sempre dado como exemplo (...). Isso é uma vergonha. Roberto é que parece uma menina”. A figura materna transcorre toda a narrativa repreendendo a filha pelo fato da mesma gostar de brincadeiras consideradas tradicionalmente vinculadas ao universo masculino: imitar um soldado e correr pelo quintal assustando galinhas.

No decorrer da história é observado que a suposta *troca de papeis sociais* não passa incólume, pois o comportamento transgressor de *Abigail* é punido. A menina sofre graves queimaduras após mexer de forma indevida em um caldeirão de água fervente. Ao término do tratamento, a menina promete que passará a ser “meiga e tranquila”. A personagem foi castigada por não agir delicadamente como qualquer boa menina, mas conseguiu sua redenção quando compreendeu qual deveria ser o comportamento ideal do sexo feminino. A narrativa *A menina travessa e o menino tranquillo* se configura como um dos vários exemplos das histórias presentes nas páginas de *O Tico-Tico* que visavam não apenas entreter seus leitores e leitoras, como também contribuir na formação moral e social da infância nacional. E traz à tona questões sobre as relações de gênero<sup>1</sup> e a necessidade de reforçar os *modos de agir* socialmente determinados para os meninos e as meninas.

Considerada a primeira revista ilustrada e em quadrinhos direcionada às crianças brasileiras, *O Tico – Tico* foi lançada em 11 de outubro de 1905. Direcionada a meninos e meninas de até 14 anos, seu projeto de criação foi encabeçado pelos intelectuais<sup>2</sup>: Manoel Bomfim, Luis Bartolomeu de Souza e Silva, Cardoso Jr. e Renato de Castro. Indivíduos vinculados à imprensa e com certos laços na área educacional.

A partir da redação da Sociedade Anonyma O Malho, estrategicamente localizada na rua do Ouvidor no centro do Rio de Janeiro, esses intelectuais

---

<sup>1</sup> Acerca da perspectiva das relações de gênero como fruto das construções sociais elaboradas e vivenciadas por mulheres e homens, consultar Scott (2012).

<sup>2</sup> Nesse contexto a figura do intelectual encontra consonância a perspectiva de Gomes e Hansen (2016) sobre o *intelectual mediador*. Identificado como “(...) homens da produção de conhecimentos e ideias, direta ou indiretamente vinculados à intervenção político-social. Sendo assim, tais sujeitos podem e devem ser tratados como atores estratégicos nas áreas da cultura e da política que se entrelaçam, não sem tensões, mas com distinções, ainda que historicamente ocupem posição de reconhecimento variável na vida social” (p.10).

Rev. Caminhos da Educação: diálogos, culturas e diversidades, Teresina, v. 2, n. 1, p. 89-103, jan./abr. 2020

trabalhavam no epicentro das reformas urbanas do *Bota – Baixo* durante a gestão do Prefeito Pereira Passos. Em meio aos deslumbres da *Belle Époque*, o logradouro se configurava em espaço privilegiado de circulação e de sociabilidade das elites intelectuais defensoras dos discursos republicanos calcados na modernidade e no progresso.

A urbe carioca era portadora de capitalidade, que constituiu um dos traços fundamentais da historicidade do Rio de Janeiro. Essa capitalidade se faz sentir principalmente em dois campos: no da cultura, esfera importante na consagração de instituições, eventos, e legitimação de carreiras artísticas e intelectuais, e no âmbito da política, pois como centro do poder o Rio de Janeiro reunia as elites política, judiciária e econômica do Brasil, se configurando no principal lugar de articulação de influências para a projeção pessoal. Com efeito, a República das Letras encontrará sítio privilegiado em uma cidade com tais características, pois encontrará nela uma série de redes de sociabilidade entre literatos, que têm como lugares de articulação política de interesses pessoais as confeitarias, livrarias, revistas, jornais, clubes e salões (...) (AZEVEDO, 2019, p.52-53).

Nesse contexto, o estabelecimento de uma revista permeada de tais discursos não era algo aleatório; mesmo para a público infantil. As décadas finais dos 1800 e os anos iniciais de 1900 foram marcados pelas ações pautadas pelas elites cujo público – alvo era a criança nacional. No campo da educação, da saúde/higiene e da filantropia foram desenvolvidas uma série de ações voltadas à proteção da infância. Havia a perspectiva de livrar meninos e meninas desvalidos dos vícios e dos males da pobreza; como também reforçar um modelo ideal de criança centrado nos atributos da classe burguesa.

Para além dos cuidados físicos e intelectuais, também havia o propósito de *alimentar a alma* dos infantes brasileiros com valores morais e amor à nação. Nesse contexto, a literatura infantil de cunho nacional e nacionalista ganhava espaço em solo brasileiro, pois o cenário literário anterior calcado em obras estrangeiras meramente traduzidas para os infantes brasileiros passou a ser alvo de críticas e questionamentos. Como foi exposto no editorial de lançamento de *O Tico-Tico*:

Todos amam as crianças; não há poeta que não celebre a sua innocencia e a sua belleza... Entretanto, caso singular! nada se faz em favor dellas, para divertil-as, para distrahir e encantar a sua existência. Não organisamos festas alegres, em que elas possam folgar e rir em liberdade e não lhes damos uma literatura especial, simples, ingênua ao alcance de sua intelligencia. Ao contrario disso, as festas que crianças figuram são destinadas a divertir... os marmanjos; marchando ao sol em batalhões, obrigadas a uma disciplina e a uma *tenue* que as fadiga e aborrece, ou representando comedias e dizendo monologos que não comprehendem, ellas vão a essas festas como a um sacrificio e a um castigo. Este jornalzinho

(para empregar uma chapa inevitável) vem preencher uma lacuna. É um jornal que se destina exclusivamente ao uso, á leitura, ao prazer, á distração das crianças. Não queremos a atenção nem o applauso da gente grande: os pequeninos, os innocentes, os simples formarão o nosso publico. É para elles que escrevemos, - e si conseguirmos agradar-lhes, teremos obtido o único triumpho que ambicionamos. Contos, poesias, problemas, concursos, contribuirão nas paginas do Tico-Tico, para, ao mesmo tempo, instruir e deliciar as crianças; e, de hoje e deante, ellas poderão dizer, com orgulho: “Os marmanjos têm os seus jornaes? Pois nós também temos nosso jornal, que é feito para nós, exclusivamente para nós!” E não somente os pequeninos nos hão de agradecer! Todas as mãis, todos os que verdadeiramente amam as crianças hão de comprehender que a nossa iniciativa é digna de apoio (O TICO-TICO, 05/10/1905, s/p).

O conteúdo ressalta que a revista foi criada com o objetivo de suprir uma lacuna na imprensa nacional, insistente em não produzir publicações que privilegiassem os anseios e as necessidades da infância. Critica veementemente a comercialização de livros classificados como infantis, mas que, na prática, continham histórias destinadas ao deleite dos adultos. Ressalta que as narrativas eram simploriamente adaptadas, sem cuidados específicos quanto à linguagem e a qualidade das ilustrações. Embora afirme não se preocupar com o aplauso de *gente grande*, o texto tem a clara intenção de convencer aos pais, principalmente às mães, de que *O Tico-Tico* se constituiria no meio ideal de instrução e diversão para seus filhos. A enfática defesa da infância nacional não deve ser entendida como um discurso aleatório, pois a mesma estava inserida no contexto de consolidação, junto à sociedade brasileira, de uma nova concepção do *ser criança*.

A estrutura da publicação infantil seguia um momento no qual o jornalístico brasileiro se modernizava (SEVECENKO, 2003). As revistas ilustradas haviam se tornado o epicentro da tradução modernidade por meio de textos e imagens. A publicação seguia a formatação considerada *up to date*. Suas páginas traziam fotografias, páginas coloridas, anúncios, jogos. Dessa forma, *O Tico-Tico* “(...) galvanizando tôda a necessidade de leitura das crianças brasileiras se impunha pioneiramente como publicação tècnica concebida. Fôra a revista organizada em bases racionais, com motivos e temas de interesse nacional (...)” (ARROYO, 1968, p.132).

No decorrer de sua existência – entre 1905 e 1962 - a revista *O Tico-Tico* também atuou na conformação e na manutenção de determinadas características dos

papeis sociais femininos masculinos. Com destaque para o recorte temporal de 1905 a 1925, observa-se a contribuição do impresso infantil, via narrativas e personagens, para reforçar o status social do *sexo forte* e do *bello sexo* (expressões utilizadas pela publicação). Por tal razão foram selecionadas histórias em quadrinhos publicadas nas duas décadas iniciais de circulação do impresso, período no qual tal perspectiva de gênero pode ser identificada amplamente no projeto editorial de *O Tico-Tico*.

## 1. O Tico-Tico e o Bello: pequenos gestos e grandes valores

Entre 1905 e 1925, os leitores e as leitoras de *O Tico-Tico* se depararam com inúmeras histórias cujas protagonistas eram meninas, moças e mulheres e cujo objetivo era ensinar às crianças a importância dos bons valores. *A mais generosa* (26/04/1916), *Luizinha é vadia* (05/02/1919), *Lenita*, *A careteira* (23/04/1919), *Desobedientes* (04/06/1919), *A invejosa* (04/02/1920) e *A mais caridosa* (10/10/1923) foram algumas das dezenas narrativas publicadas com esse propósito. Assim como textos e imagens, os títulos das histórias deixam claro quais comportamentos femininos deveriam ser enaltecidos e principalmente aqueles sentimentos e ações que precisavam ser reprimidos. Desde cedo, as pequenas leitoras tinham que adquirir a compreensão de que não podiam ser curiosas, mentirosas, vaidosas ao extremo, preguiçosas, invejosas, descuidadas entre outras desqualificações morais (PATROCLO, 2015).

Figura 1: Capa O Tico – Tico



Fonte: O TICO-TICO (05/02/1919)

Um dos caminhos que também podem auxiliar no entendimento das histórias publicadas em *O Tico-Tico* está na relação entre o impresso brasileiro e os conteúdos direcionados ao público feminino provenientes de revistas estrangeiras. Conforme citado anteriormente, o projeto de *O Tico-Tico* foi inspirado em publicações europeias. De acordo com Rosa (2002) foi durante uma viagem de estudos a Paris, de 1902 a 1903, que Manoel Bomfim teve contato com *Le Jeudi de La jeunesse* (1902), *La Jeunesse Illustrée* (1903) e *Les Belles Images* (1903). O acesso aos exemplares de *Le Petit Journal Illustré de La Jeunesse* (1904) e *La Semaine de Suzette* (1905) teria ocorrido por meio do recebimento de exemplares provenientes da França.

Especificamente sobre os conteúdos femininos presentes em *O Tico-Tico* é preciso ressaltar a proximidade com a revista *La Semaine de Suzette*. A publicação francesa, lançada pela editora Gautier-Languereau em 2 de fevereiro de 1905, direcionava-se às meninas e às jovens, de 8 a 14 anos, pertencentes às famílias burguesas. Tinha o objetivo de promover a formação moral e religiosa de suas leitoras. A elaboração do impresso se constituía em uma resposta à campanha em favor da Lei



de Separação do Estado e a Igreja, promulgada posteriormente em 9 de dezembro de 1905.

Os conteúdos de *La Semaine de Suzette* abarcavam poesias, jogos, concursos, narrativas ilustradas, peças de teatro, receitas de cozinha e moldes para costura. Entre as personagens mais conhecidas estão: a menina *Suzette*, a boneca *Blenette* e a camponesa *Bécassine*. O impresso esteve em circulação até 1960. Algumas de suas narrativas foram traduzidas e publicadas em *O Tico-Tico*. No Brasil, as histórias receberam o título de *Aventuras de uma criada*, e *Bécassine* passou a se chamar *Narcisca*. Em algumas edições ela também foi nomeada *Felismina* (COUDERC, 2005; LUYTEN, 2005.; CAGNIN, 2005.; SANTOS, 2012). Para além das narrativas de *Bécassine*, *O Tico-Tico* também reproduzia outros conteúdos de *La Semaine de Suzette* direcionados ao público feminino como a *Seção para Meninas* (inspirada em *Nous habillons Blenette*) e também as histórias em quadrinhos.

Figura 2 – Capa La Semaine de Suzette



Fonte: LA SEMAINE DE SUZETTE (11/03/1909).

## 2. A formação da futura mulher republicana: um dos mandamentos de O Tico-Tico

No livro *Virtuosas e Perigosas: as mulheres na Revolução Francesa*, Tania Morin (2013) descreve o advento da chamada *maternidade cívica* (p.53) após 1789. Morin ressalta que no século XVIII a participação política das mulheres não era vista como algo apropriado. Desse modo, a maternidade foi instituída como uma espécie de *barganha política* já que dependeria do ventre das revolucionárias gerar e cuidar das próximas gerações:

A mensagem é que a Revolução teria transformado o caráter das pessoas. Os companheiros e filhos eram agora verdadeiros homens e as mulheres trocaram a futilidade dos *pompons* pelo desvelo da educação dos filhos – mas com um toque de sentimentalismo, supostamente para agradar as leitoras. A devoção total à criança tornou-se um valor de civilização e um código de boa conduta, além de manifestação do patriotismo (p.54).

Indo além da simples função geradora, as mulheres eram fundamentais na formação moral de novo homem, pedra de toque na construção de uma nova sociedade mais virtuosa e feliz. As mães patriotas não apenas criavam prosaicamente os filhos, estavam num patamar mais elevado, pois ensinavam os princípios republicanos aos futuros cidadãos franceses. Na visão revolucionária da divisão sexual das tarefas, os homens faziam as leis e as mulheres faziam os costumes. Não era pouco. A mulher continuava subordinada ao homem, porém exaltada como mãe e educadora (p.55).

No contexto brasileiro de ascensão do regime republicano no final do século XIX também podem ser identificados tais aspectos em razão do ideário positivista que preconizava ser a principal função do sexo feminino: o cuidado familiar. Segundo Comte (1978) esta tarefa foi designada às mulheres, em virtude das mesmas constituírem o *sexo afetivo*, caracterizado por indivíduos que representam a humanidade e seguem os desígnios do coração. Por não participarem do mundo da política e do trabalho, deixam de ser contaminadas pelo egoísmo reinante da sociedade industrial. Por esta razão, as mães têm a função de despertar nos homens os sentimentos de veneração, apego e bondade. *Se o papel feminino é o de formar moralmente as crianças, qual papel do sexo masculino?* Prover o sustento da mulher para que ela não se afaste de sua missão:

Do santuário doméstico dimana de contínuo esse santo impulso, único que nos pode preservar da corrupção moral a que sempre nos dispõe a existência prática ou teórica. Sem tais raízes privadas, a ação coletiva da mulher sobre o homem não comportaria, por outro lado, nenhuma eficácia permanente (p.172).

Toda mulher deve, pois, ser cuidadosamente preservada do trabalho exterior, a fim de poder preencher dignamente sua santa missão. Voluntariamente encerrada no santuário doméstico, a mulher aí promove livremente o aperfeiçoamento moral de seu esposo e de seus filhos, cujas justas homenagens ela aí dignamente recebe (p.273).

O discurso propagado pelos positivistas sobre a função social da mulher encontra espaço nas das narrativas presentes nas páginas de *O Tico-Tico*. Conforme pode ser observado nos conteúdos das seguintes histórias: *O sonho de Lili* (06/06/1906, Capa) e *O inimigo das mulheres* (30/06/1909, Capa).

*O sonho de Lili* descreve uma menina quase nomeada General. Durante o sono, *Lili* recebe a visita de um Cabo de esquadra que lhe transmite a mensagem de que o governo havia decidido nomeá-la para tal importante cargo. Embora assustada, a garota gostou da ideia. “ Uma menina general! Que ideia! Mas tão cheia de orgulho que achou o facto muito natural. Vestiu logo a farda imponente...”. No entanto, ela acordou e a realidade se fez presente. No início do século XX, não havia a possibilidade das mulheres pertencerem às Forças Armadas. Este contexto apenas se modificou em 1980 com a criação do Corpo Auxiliar Feminino da Reserva da Marinha, Decreto Lei n. 6807 – 7 de julho de 1980. Embora já tivesse ocorrido exceções. Em 1823, Maria Quitéria se vestiu de soldado para combater as tropas portuguesas na província da Bahia que não reconheciam a Independência do Brasil.

*O inimigo das mulheres* traz questionamentos sobre o valor social da mulher a partir de um simples passeio entre irmãos pela floresta. A personagem feminina não tem nome próprio e o menino tem o apelido de *Lulu*. Durante a leitura, destacam-se as ofensas deferidas por *Lulu* contra a irmã. Outro aspecto é o fato do menino se vangloriar da superioridade do homem frente à mulher. “ Não gosto das mulheres...São umas vadias, não fazem cousa alguma, ao passo que nós homens não cessamos de trabalhar”. *Lulu* apenas toma consciência do valor da mulher quando se machuca e precisa de cuidados e de atenção. A irmã prontamente lhe faz curativo. E

a narrativa termina com a seguinte moral: “Sua irmã tratou – o pacientemente, mostrando-lhe que as mulheres são boas e servem para alguma cousa”.

As duas narrativas trazem aspectos relevantes sobre o modelo feminino em circulação nas páginas de *O Tico – Tico*. É possível identificar a clara diferenciação do papel social de homens e mulheres. Ao *Bello Sexo* certas aspirações só podiam fazer parte dos sonhos e da imaginação, pois o universo do lar e o mundo das prendas domésticas deveriam ser o espaço de atuação prioritário das mulheres. Ao *Sexo Forte* cabia o espaço público, as ruas e mundo do trabalho (PATROCLO, 2015).

As histórias publicadas em *O Tico – Tico* encontravam consonância junto a contextos socioculturais que ultrapassavam as páginas da revista. As personagens femininas traziam defeitos e qualidades que ajudavam a traçar junto ao seu público – alvo, o papel social mulher republicana. Essa perspectiva acerca da manutenção do papel social da mulher voltado ao lar, ao matrimônio e a maternidade, também estava calcada no pensamento positivista que norteou parte do projeto republicano brasileiro. Ao descrever o papel da mulher na sociedade, o pensador francês Auguste Comte apontava que a pureza do coração feminino não poderia ser corrompida pela política e outras mazelas da sociedade. Entre as razões apontadas para tal perspectiva estava a de que a mulher tinha como função para com a pátria ser a *primeira mestra* de seus filhos; aquela que lhes passaria os valores morais que no futuro contribuíram para engrandecimento da nação. Neste período, a honra do homem não dependia apenas dos seus atos de honestidade, mas também das ações de sua esposa. Por tal razão, as meninas tinham aprender como se portar.

Nas páginas de *O Tico – Tico*, mães e avós costumam ser as responsáveis por apontar os erros cometidos e a necessidade das meninas se adquirem as posturas morais que remetem não apenas ao fato de serem boas meninas na infância, mas que vão se refletir também na sua função social no futuro. Na ausência materna, as histórias de *O Tico-Tico* traziam as tias, as avós e as irmãs mais velhas como as responsáveis por fazer as crianças trilharem o bom caminho. Em *As trez caixinhas* (16/09/1916, Capa), a avó faz um desafio às netas com o intuito de descobrir qual delas era a mais digna de receber seu anel valioso. Na história *Os tres conselhos da avósinha* (23/04/1919, s/p), a neta recebe orientações da avó sobre como se portar na

escola e na vida. As recomendações são para que ela fosse sempre pontual, cuidasse bem da casa e falasse apenas o necessário e quando perguntada.

Uma mulher bela, piedosa e que cuidasse bem do lar e dos filhos era vista com uma escolha perfeita. Apesar do lar ser considerado seu espaço de ação por natureza, as esposas não ficavam alijadas do no meio social. As portas das casas das famílias de elite se abriam para receber os amigos e convidados do esposo. Caso a residência fosse elogiada pelo cuidado e refinamento da decoração, o marido tinha feito a escolha correta. Outro aspecto é que a questão da maternidade se fazia presente nas histórias nas quais as meninas brincavam com suas bonecas, maltratar o brinquedo era descrito como quase que maltratar seu futuro rebento... *A boneca triste* (30/07/1919, Capa) narra o sentimento de abandono de um brinquedo em virtude da indiferença de sua dona. Como qualquer criança, elas também possuem sentimentos. Deveriam ser bem alimentada, vestidas e acalentadas. Histórias como *Uma boneca que se revolta* (23/06/1909, p.12-13) trazem situações nas quais as meninas são punidas e alvo de ações vingativas por parte de bonecas maltratadas. Sinal de que as meninas deveriam ser formadas desde a infância para compreenderem seu papel na sociedade.

## Considerações Finais

No decorrer das duas primeiras décadas de circulação de *O Tico-Tico*, a revista se configurou como um espaço *não formal* de construção e legitimação dos valores republicanos. Esse contexto também articulava a necessidade de conformação dos papéis e funções sociais de mulheres e homens desde a infância. As narrativas em quadrinhos publicadas nas capas e no miolo da revista traziam os valores ditos condizentes como o novo regime político no qual os valores da civilidade, do progresso e da modernidade eram tidos em alta conta. Nesse contexto, a reprodução de narrativas provenientes de uma publicação para meninas francesas também reforçava o modelo ideal feminino calcado nos parâmetros eurocêntricos.

## Referências

ALMEIDA, Jane Soares de. *Ler as letras: por que educar meninas e mulheres?*. 1.ed. Campinas-SP: Autores Associados, 2007.

ALMEIDA, Jane Soares de. *Mulher e Educação: paixão pelo possível*. 1.reimpr. São Paulo: UNESP, 1998.

ARROYO, Leonardo. *Literatura infantil brasileira: ensaio de preliminares para a sua história e as fontes*. São Paulo: Melhoramentos, 1968.

AZEVEDO, André Nunes de. *A cidadela das letras: história e literatura no Rio de Janeiro da virada do século XIX ao XX*. Rio de Janeiro: Metanoia, 2019.

CAGNIN, Antonio Luiz. Chiquinho, Buster Brown, a mais brasileira das personagens americanas. VERGUEIRO, Waldomiro; SANTOS, Roberto Elísio dos. *O Tico-Tico: centenário da primeira revista em quadrinhos do Brasil*. São Paulo: Opera Graphica Editora, 2005. p.29-34.

COMTE, Auguste. In: *Coleção Os Pensadores*. São Paulo: Abril Cultural Victor Civita, 1978.

COUDERC, Marie-Anne. *La Semaine de Suzette: histoires de filles*. Paris: CNRS Editions, 2005.

GOMES, Angela de Castro; HANSEN, Patricia Santos (Org.). *Intelectuais Mediadores: práticas culturais e ação política*. 1.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

LA SEMAINE DE LA SUZETTE - 11/03/1909 – capa.

LUYTEN, Sonia M. Bibe. A geração de meninos traquinas. In: VERGUEIRO, Waldomiro; SANTOS, Roberto Elísio dos. *O Tico-Tico: centenário da primeira revista em quadrinhos do Brasil*. São Paulo: Opera Graphica, 2005. p.41-49.

MORIN, Tania Machado. *Virtuosas e Perigosas: As mulheres na Revolução Francesa*. 1.ed. São Paulo: Alameda, 2013.

O TICO-TICO – 05/10/1905 – s/p.

O TICO-TICO - 06/06/1906 – capa.

O TICO-TICO- 23/06/1909 – p.12 – 13.

O TICO-TICO - 30/06/1909 – capa.

O TICO-TICO - 18/09/1912 – capa.

O TICO-TICO – 08/04/1914 – p.12-13.

O TICO-TICO - 26/04/1916 – capa.

O TICO-TICO - 16/09/1916 – capa.

O TICO-TICO - 05/02/1919 – capa.

O TICO-TICO – 23/04/1919 – capa.

O TICO-TICO – 23/04/1919 – s/p.

O TICO-TICO - 04/06/1919 – capa.

O TICO-TICO - 09/07/1919 – capa.

Rev. Caminhos da Educação: diálogos, culturas e diversidades, Teresina, v. 2, n. 1, p. 89-103, jan./abr. 2020

O TICO-TICO – 18/07/1919 - capa

O TICO-TICO - 30/07/1919 – capa.

O TICO-TICO - 04/02/1920 – capa.

O TICO-TICO - 10/10/1923 – capa.

O TICO-TICO – 02/01/1924 – capa.

PATROCLO, Luciana Borges; Mendonça, Ana Waleska Pollo Campos. As mães de famílias futuras: a revista O Tico-Tico na formação das meninas brasileiras (1905-1921). Rio de Janeiro, 2015.300p. *Tese de Doutorado* - Departamento de Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

ROSA, Zita de Paula. *O Tico-Tico: meio século de ação recreativa de pedagógica*. Bragança Paulista: EDUSF, 2002.

SANTOS, Armando Alexandre dos. Bécassine, a primeira heroína em HQ. In: VI Simpósio Nacional de História Cultural: Escritas da História – ver, sentir, narrar, 1., 2012, Teresina-PI. *Anais...* Teresina: Universidade Federal do Piauí-UFPI, 2012.

SCOTT, J.W. História das Mulheres. In: BURKE, P. (Org.). *A escrita da História: novas perspectivas*. Tradução Magda Lopes. São Paulo: UNESP, 2012.p.65-98.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 2.ed. São Paulo: Companhia das Letras,2003.

RECEBIDO: 02/01/2020  
APROVADO:02/02/ 2020